

A ATUAÇÃO DO NEOTECTONISMO NA FORMAÇÃO DA PLANÍCIE COSTEIRA DO RIO SÃO FRANCISCO.

Carlos César Uchôa de Lima⁽¹⁾, Liana Maria Barbosa⁽¹⁾ & José Bites de Carvalho⁽²⁾

⁽¹⁾Universidade Estadual de Feira de Santana, ⁽²⁾Universidade do Estado da Bahia.

A planície costeira do Rio São Francisco tem sido estudada, sob os seus aspectos morfoclimáticos e consequente evolução da linha de costa na região ocupada pela mesma. Nenhum trabalho, no entanto, tem se preocupado com a possível influência neotectônica na formação daquela planície. Este trabalho objetiva mostrar a ação do neotectonismo no modelamento da Planície Costeira do Rio São Francisco. O método utilizado baseou-se na análise de imagens e nos trabalhos de campo. A análise de imagens de radar e satélite, revelam que dois lineamentos com direcionamento NE-SW e NW-SE limitam a planície em estudo, separando-a das regiões de tabuleiros. Os dados de campo revelaram que os cordões litorâneos pleistocênicos, são predominantemente cascalhosos, com granulometria variando de pequenos seixos até matações, arredondados a bem arredondados com esfericidade variando de baixa a alta. Já os cordões holocênicos aparecem com granulometria predominantemente arenosa, variando de fina a grossa, com grãos arredondados. As dunas eólicas recobrem os cordões holocênicos tanto ao norte, como ao sul da desembocadura. A formação dos depósitos cascalhosos são interpretados como resultantes de movimentação pleistocênica das falhas que limitam a planície cos-

teira a oeste. A subsidência da região, ocupada pela planície, originou um desnível significativo, provocando a invasão do mar naquela região. O bloco elevado serviu de fonte para os depósitos cascalhosos observados. Estes eram transportados e depositados por fluxos de detritos e retrabalhados pelas águas oceânicas formando assim, os cordões cascalhosos. É possível que vários pulsos de deslocamento das falhas tenham ocorrido durante o Pleistoceno, mas estudos adicionais serão executados com o objetivo de confirmar esta hipótese. Os movimentos de subsidência cessaram no Holoceno, quando o nível do mar baixou e o suprimento trabalhado pelas águas oceânicas, passou a ser predominantemente os sedimentos mais finos, formando os cordões arenosos holocênicos observados na área estudada. Os trabalhos desenvolvidos indicam que, apesar do controle climático no desenvolvimento da planície costeira do São Francisco, o neotectonismo foi, provavelmente, o mecanismo responsável pela fase inicial de formação do mesmo, desempenhando papel fundamental na configuração morfológica da planície estudada. Além disso, o levantamento dos blocos a oeste da área, propiciaram o suprimento dos sedimentos cascalhosos que compõem os depósitos pleistocênicos observados.

PRESENÇA DE DEPÓSITOS FLUVIAIS COM PROVÁVEL IDADE CENOZÓICA NA REGIÃO DE LAGES, SC.

Rômulo Machado¹, Elvo Fassbinder², Lucas Veríssimo Warren¹, Luiz Fernando Roldan¹

¹Instituto de Geociências – USP, Rua do Lago 562, 05508-900, São Paulo – SP

²Departamento de Geologia – UFPR, Jardim das Américas, 81531-990, Curitiba – PR

rmachado @ usp.br; Elvo@setuva.geologia.ufpr; luwarren@yahoo; lfernando@helix.fmvz.usp.br;

Durante os trabalhos de cartografia geológica de semi-detalhe recentemente realizados na região de Lages, SC, foram encontrados no perímetro urbano da cidade nas margens do rio Cará depósitos de conglomerados e brechas polimíticos, dispostos em forma de lentes, intercalados com arenitos, siltitos e argilitos estratificados, num conjunto de fácies sugestivo de uma origem fluvial. São depósitos com geometria em canal, que se assentam em nítida discordância erosiva sobre arenitos e siltitos arroxeados pertencentes a Formação Rio do Rasto. Os conglomerados são estruturalmente organizados e contêm seixos arredondados e mal selecionados de quartzo, argilitos e arenitos. Na base, predominam conglomerados suportados pelo arcabouço, enquanto para o topo há uma predominância de conglomerados suportados pela matriz, havendo também intercalações de brechas com fragmentos angulosos. A matriz é arenoso-argilosa e apresenta variação lateral e vertical para arenitos com estratificação plano-paralela. No topo, os conglomerados são recobertos em discordância erosiva por sedimentos arenosos e argilosos inconsolidados correlativos aos depósitos de várzeas e planícies aluvionares relacionados à evolução da paisagem atual.

Estes depósitos de paleocanais nas imediações do rio Cará mostram-se elevados cerca de 5 a 10 m em relação ao vale

deste rio, sendo aí truncados pelo mesmo. Neste local, a inclinação dos paleocanais é para leste, sugerindo a existência de um paleorrelevo com inclinação diferente daquela do relevo atual. A principal drenagem da região, representada pelo rio Caveiras, mostra gradiente regional para SSW, sendo a mesma fortemente influenciada pelo mergulho geral das camadas (cerca de 10°) para o mesmo quadrante.

Em cortes da Estrada de Ferro, na parte leste de Lages, próximo à Estação Esmeralda da Silva, são encontrados depósitos descontínuos de arenitos médios, grosseiros e conglomeráticos (com grânulos), com laminações cruzadas de pequeno porte, juntamente com arenitos finos e maciços com matriz argilosa e clastos de argila, contendo intercalações de argilitos e siltitos com laminação plano-paralela. Este conjunto de fácies sugere também uma origem fluvial para os depósitos. Da mesma forma, estes depósitos assentam-se também em discordância erosiva sobre as rochas da Formação Rio do Rasto, em nível de cota similar ao dos depósitos de paleocanais do rio Cará.

A presença na região de Lages de depósitos clásticos estratificados com arquitetura em canal truncados pelo padrão de drenagem atual e seus depósitos correlatos inconsolidados é sugestiva de uma provável idade cenozóica para estes depósitos.